

Linguagem e ação

Juliana Alves Assis¹

Palestra proferida no 1º Encontro Mineiro de
Professores do Curso de Ciências Contábeis

Para entendermos a relação que se pode estabelecer entre a linguagem e a ação, é preciso, antes, compreendermos de que modo a linguagem constitui a nossa vida. Parto do princípio de que a linguagem designa uma faculdade humana que se manifesta na capacidade de usarmos signos com objetivos sociocognitivos; é por meio dela que nos constituímos seres sociais, (re)construímos a realidade nas atividades de interação social de que tomamos parte. Já a língua é uma das muitas formas de manifestação concreta dos sistemas de comunicação humanos desenvolvidos por comunidades lingüísticas.

O processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem é viabilizado através dos textos orais e/ou escritos, o que significa que aprendemos a língua através de textos. Dito de outra forma, o modo como uma língua se dá a conhecer para seus falantes está diretamente ligado às atividades de interação social das quais estes participam ao longo da existência, tais como a conversação face a face, o telefonema, aula, a entrevista, etc.

Quanto aos textos, estes são, em sentido estrito, as formas de materialização dos gêneros textuais, ou seja, são representações mentais das rotinas comunicativas, uma espécie de matriz discursiva, que não coincide, exatamente ou tão-somente, com orientações formais ou estruturais para a atualização de textos orais ou escritos.

Algo que comprova essa realidade é o fato de que, para se produzir, por exemplo, um relatório, uma ata ou uma tese de doutorado, não basta tomar como base informações dispostas em manuais de redação, que costumam trazer informações sobre a estrutura do texto: partes de que se compõem, ordem das partes, disposição das informações no papel, tipo de espaçamento, etc. Na verdade, para que consigamos produzir, com relativo sucesso em termos comunicativos, relatórios, atas e

1 Professora da PUC Minas.

teses de doutorado, é preciso, antes, compreendermos para que esses textos servem, isto é, que funções sociocomunicativas cumprem, a que tipo de comunidade discursiva estão vinculados, a que tipo de crença e valores culturais se associam, bem como que relação é estabelecida, por meio deles, entre seus produtores e leitores.

Isso explica, por exemplo, por que muitas pessoas, mesmo tendo feito inúmeros dos chamados "cursos de redação" ou "cursos de fala em público" que são oferecidos por aí, não conseguem produzir todo e qualquer texto. Assim é um exímio redator de atas não é, necessariamente, um bom autor de requerimentos ou de manuais de uso de equipamentos; da mesma forma, um excelente professor não é, necessariamente, um bom entrevistador ou orador.

Pelos menos duas verdades podem ser retiradas daí. A primeira delas é que nosso aprendizado da língua, isto é, o aprendizado das práticas textuais, não se resume ao conhecimento das formas, estruturas de que se compõe um texto e que, obviamente, dizem respeito à estrutura da língua; dessa forma, não é através do conhecimento da conjugação verbal, partes da oração, classificação de palavras, regras de formação de plural, sinônimos e antônimos que se garante o aprendizado de uma língua, em termos das ações que através dela praticamos. A segunda reporta-se ao fato de que, para que sejamos bem-sucedidos em nossa atividade lingüística, é preciso que a prática discursiva em que nos inserimos faça sentido para nós mesmos, de tal modo que sejamos capazes de compreender de que lugar social falamos/escrevemos, que papel social exercemos quando falamos/escrevemos, que papel comunicativo temos, quais modos de dizer melhor representam esses lugares e papéis sociais, etc.

Essa linha de raciocínio também leva a perceber que, quando falamos, ouvimos ou escrevemos, estamos agindo sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos. A linguagem, portanto, considerados todos os processos que implica, é ação.

Quanto melhor compreendermos a relação entre a linguagem e as ações sociocomunicativas que por meio dela realizamos, mais adequadas e bem-sucedidas tenderão a ser nossas atividades lingüísticas.